

## **Parresia e Ética em Jornalismo: a Coragem da Verdade na Prática Investigativa<sup>1</sup>**

Daniel Dantas LEMOS<sup>2</sup>

Camila Aguiar de Oliveira LOPES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará

### **Resumo**

O jornalismo enfrenta um momento de crise caracterizado por falta de investimentos e demissões em massa, acompanhadas de redução ou extinção de veículos. Nesse contexto, ganha importância o chamado de jornalismo sem fins lucrativos que se propõe a realizar atividades investigativas a partir de práticas colaborativas de produção e financiamento. Essas questões apontam, também, para a sempre presente necessidade de reflexão ética no campo do jornalismo - e especialmente diante dos novos cenários do jornalismo investigativo. Essa reflexão é o principal foco deste artigo: com base na noção de parresia, conforme exposta por Foucault (2011), procuramos descrever como se comporta o jornalista investigativo que se assuma numa ética da verdade com coragem e compromisso com ela - um jornalista parresiasta. Ele assume um risco e pode provocar a ira por causa de seu dizer-a-verdade.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Ética; Verdade; Coerência; Parresia.

### **Introdução**

A atual crise do jornalismo, principalmente o impresso, tem sido caracterizada a partir da redução dos investimentos, controle de custos a partir da demissão de profissionais e até fechamento de veículos.

Decorrente disso, busca-se desenvolver novos modelos de jornalismo - em particular do jornalismo investigativo, considerado em muitos contextos como fundamental para a democracia. É nesse contexto que surge o que tem sido chamado de jornalismo sem fins lucrativos que se propõe a realizar atividades investigativas a partir de modelos colaborativos de produção e financiamento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre e doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Professor adjunto no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [danieldantas79@uol.com.br](mailto:danieldantas79@uol.com.br)

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [aguiar.cah@gmail.com](mailto:aguiar.cah@gmail.com).

Tais questões apontam, também, para a sempre presente necessidade de reflexão ética no campo do jornalismo - e especialmente diante dos novos cenários do jornalismo investigativo. Para tanto, propomo-nos a discutir neste artigo especialmente a ética a partir da verdade no cenário jornalístico contemporâneo descrito acima, com base na noção de parresia conforme exposta por Foucault (2011).

### **Jornalismo investigativo**

Mesmo tendo precursores no jornalismo do século XIX e tendo reconhecida origem nos princípios do século XX, é o caso Watergate que representa o grande marco histórico do jornalismo investigativo - ao menos no mundo ocidental.

O escândalo do Watergate teve início quando, em 17 de Junho de 1972, um grupo de cinco invasores foram presos na sede nacional do Partido Democrata, no hotel Watergate em Washington. Os cinco fotografavam documentos e instalavam aparelhos de escuta no local. A persistência do The Washington Post em acompanhar o caso através dos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein contribuiu para que o esquema de espionagem de adversários políticos do Partido Republicano, além de financiamento ilegal de campanha, fosse desvendado. Acusado de mentir ao Congresso, o presidente Richard Nixon renunciou em 09 de agosto de 1974 para não ser cassado. Durante a investigação oficial foram apreendidas fitas gravadas que demonstravam que o presidente tinha conhecimento das operações ilegais contra a oposição.

Como poderíamos, então, definir o jornalismo investigativo? Lage (2011, p. 139) propõe que a atividade pode ser entendida “como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido”.

No entanto não se deve confundir o seu papel. Como diz Sequeira (2005, p. 61), foi criada “no imaginário dos cidadãos, uma ideia equivocada do jornalismo investigativo: a de que ele ocupa espaços que o estado omisso deixa vazios, quer por incompetência, quer por irresponsabilidade, quer por má-fé”. A complementaridade do papel do jornalismo investigativo no ambiente democrático não implica em substituição ou sobreposição com as estruturas organizacionais do estado - mas, pelo contrário, em controle e exposição do que deveria ser trazido à luz pública.

Em 1906, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt comparou, em discurso, o trabalho de jornalistas (investigativos) com um personagem de “O peregrino”, de John Bunyan, chamando-os de “muckrakers”, aqueles que mexem com a sujeira, algo que pode ser entendido como “cavadores de informações”<sup>4</sup>.

No início do século XX, o jornalismo investigativo “além de atacar a corrupção e outras mazelas de autoridades, também se dedicava a relevar crimes econômicos e injustiças sociais” (NASCIMENTO, 2010, p. 35).

Os representantes da chamada grande imprensa vão, por sua vez, dizer que, por ter autonomia financeira, esses veículos noticiosos não se submetem a interesses comerciais ou pressões políticas. Para Otávio Frias Filho, entrevistado por Sequeira (2005, p. 102),

---

<sup>4</sup> Recentemente, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, repetiu Theodore Roosevelt, mandando jornalista do Estado de São Paulo e chafurdar no lixo.

jornalismo investigativo tem como fundamento essencial a autonomia econômico-financeira. E poderíamos complementar: quando a notícia não fere seus interesses. Como demonstra Lemos (2013b), o discurso de Frias Filho parece na verdade um discurso legitimador da ideologia jornalística inserida na chamada grande imprensa ao propor que apenas esses jornais, revistas, sites e canais de televisão são capazes de uma produção de notícias - e investigação de denúncias - adequada.

Concordamos que a autonomia financeira e o respaldo institucional são fundamentais para a realização de atividades jornalísticas de investigação - mas isso nem é garantia de independência nem significa que o campo seja aberto adequadamente apenas para os grandes veículos de imprensa tradicionais. Ainda mais em se considerando a atual crise do jornalismo que gera redução de publicações e empregos em todo mundo e a conseqüente falta de investimentos na investigação jornalística.

Com a atual crise do jornalismo em geral e do impresso em particular, com demissões em massa cada dia mais comuns e fechamentos de veículos, novos modos de organizar o jornalismo investigativo têm sido pensados, como o modelo que tem sido chamado de jornalismo sem fins lucrativos.

Nesse ambiente sem fins lucrativos as práticas colaborativas também são importantes. Lima (2011, p.181) reafirma esta importância, centralizando, por fim, o processo colaborativo, novas formas de financiamento e a interação com as novas mídias sociais, ainda que tenha certeza de que a ruptura dos modelos de negócio, produção e distribuição do jornalismo continuará.

Nesse contexto que descrevemos parece interessante retratar um pouco mais atentamente o que tem sido chamado de jornalismo sem fins lucrativos, apresentado como alternativa para a manutenção da investigação jornalística.

### **Blogs e jornalismo sem fins lucrativos**

Rosental Alves, em entrevista a Tognolli (2011, p. 65), afirma que esse novo formato de jornalismo sem fins lucrativos, manifesto na Internet através dos blogs e sites como os do WikiLeaks, se constitui como um dos fenômenos mais importantes do jornalismo norte-americano hoje em dia. Mas, aparentemente, esse não se trata de um fenômeno importante apenas no contexto norte-americano, uma vez que cada vez mais surgem blogs relevantes no ecossistema informativo do Brasil.

Alves diz ainda que enquanto “o jornalismo tal como o conhecemos está morrendo, novas formas de jornalismo estão sendo construídas. (...) O leitor quer editar, não quer apenas ser editado por alguém” (TOGNOLLI, 2011, p.68).

A partir disso, é possível vislumbrar a emergência de uma mídia colaborativa, uma simbiose entre jornalismo e blogosfera, que significa, por um lado, os blogs pautando a mídia estruturada, e, por outro, a blogosfera também se alimentando do jornalismo, especialmente o online.

Isso contrasta com a postura que, muitas vezes, é adotada pelos jornalistas da chamada mídia convencional sobre blogs e similares. Pena (2012, p. 177) lembra que os “medalhões” do jornalismo nos Estados Unidos chamam os blogs de “jornalismo de pijamas”. Ainda assim, complementa, não se pode pôr em dúvida seu poder de questionar a chamada grande mídia, como é exemplo o conhecido RATHERGATE - ocasião em que blogueiros norte-

americanos provaram que o programa televisivo “60 minutes”, da rede CBS de tevê, apresentado por Dan Rather, utilizara documentos falsificados para afirmar que o então presidente George W. Bush havia sido irregularmente dispensado da Guerra do Vietnam.

De igual modo, diz Nascimento (2009, p. 109), os “blogs dedicados ao jornalismo, por exemplo, incluindo aqueles de jornalistas vinculados a grandes empresas de comunicação, proliferam na rede e se tornam espaços inovadores de informação, espaços subjetivos e interativos, como é próprio dessa mídia”. E a autora justifica que não é por causa dessas características próprias da Internet que tais blogs deixam de ser jornalismo. “A informação”, afirma Nascimento (2009, p. 109), “só tem a ganhar com tamanha multiplicidade e, em numerosos exemplos, com melhor qualidade de texto, com relatos mais criativos e ‘assumidos’, desde que, obviamente, mantenha-se a ética, o cuidado na apuração e na divulgação do que quer que seja”.

Com ela, concorda o próprio Rosental Alves (apud PRADO, 2011):

Os blogs e todos esses sistemas novos podem parecer frágeis, pouco confiáveis e pouco sérios. Mas eles são uma demonstração da criatividade e inovação que está acontecendo fora do âmbito do jornalismo tradicional. Ao completar sua primeira década, o jornalismo on-line entra numa etapa de seu desenvolvimento em que é vital acompanhar de perto e estudar o significado dessas iniciativas que estão surgindo na medida em que a Revolução Digital avança e rompe os paradigmas tradicionais da comunicação. Se quisermos manter vivo o jornalismo independente e profissional, que é tão importante para a democracia, precisamos adaptá-lo ao novo ambiente midiático que está em formação (apud PRADO, 2011, p. 167).

Tais compreensões nos conduzem a refletir acerca da ética e das práticas profissionais mais adequadas para a atividade do jornalismo nesse contexto. Para isso, propomo-nos a pensar a ética do campo jornalístico a partir da noção de parresia conforme descrita por Foucault (2011).

### **Ética, parresia e a coragem da verdade**

Para pensar na questão ética na dimensão do jornalismo - especialmente do jornalismo investigativo inclusive em suas formas contemporâneas sem fins lucrativos - pretendemos partir da noção de Parresia, conforme desenvolvida por Foucault (2011).

A parresia nos ajudará a compreender qual a relação que o jornalista deve ter com a verdade, o que ganha importância uma vez que segundo a concepção mais comum do jornalismo, com a qual não concordamos, não restariam dúvidas de que para a notícia é fundamental um compromisso com a verdade - muitas vezes traduzida como objetividade, imparcialidade e neutralidade.

De antemão, no entanto, é necessário afirmar que neste trabalho não tomamos como ponto de partida para a compreensão do jornalismo e sua relação com a verdade na forma de objetividade, imparcialidade ou neutralidade, conforme já havíamos dito acima.

Ao contrário, ao partir da compreensão da linguagem como prática social e da certeza de que, como diz Bakhtin (1997), todo enunciado possui uma intenção discursiva, consideramos que os conceitos elencados acima como definidores, em posturas mais tradicionais, da verdade no jornalismo, são, na verdade, construções da ideologia do

jornalismo que podem e devem ser descartados. Isso porque enunciar já é tomar partido, assumir uma postura como sujeito e valorar o elemento acerca do qual se fala.

Em lugar da noção convencional de verdade na ideologia jornalística, o compromisso ético e o respeito às práticas profissionais do campo jornalístico no que se referem às técnicas e regras da atividade contribuem para que possamos compreender a verdade, a parresia e sua ética da verdade. Ou coragem da verdade, como afirmou Foucault (2011)

Antes de apontarmos com ainda mais clareza a compreensão sobre a verdade e a coragem da verdade como uma questão ética no jornalismo, procuraremos a seguir elaborar algumas noções que nos ajudem a compreender a verdade de um ponto de vista melhor definido.

### **A verdade**

Segundo Chauí (2002, p. 98 - 118 apud COSTA, 2009, p. 21), existem quatro concepções acerca da verdade das quais a filosofia é herdeira. A primeira concepção relaciona-se ao ver-perceber. Ou seja, como diz Costa (2009, p. 21), conhecer “seria ver e dizer a verdade”. A segunda concepção se fundamenta na ideia de que a verdade não se refere às coisas, mas ao seu relato - à linguagem. A verdade seria, assim, da ordem do falar-dizer. Outra concepção diz respeito ao crer-confiar, ou seja, ser verdadeiro é ser confiável. Por fim, de acordo com a concepção pragmática, mais prática e menos teórica, a “marca do verdadeiro seria a vericabilidade dos resultados” (COSTA, 2009, p. 22).

Ainda de acordo com Costa (2009), quem defende que existe uma “verdade absoluta” acredita que “um juízo é verdadeiro ou falso independentemente das circunstâncias (...) [e somente] poderia ser verdadeiro o conhecimento total, o conhecimento completo” (COSTA, 2009, p. 22).

Aqueles que Costa (2009) chama de relativistas defendem que “um juízo é verdadeiro ou falso dependentemente das circunstâncias, do contexto, do momento” (COSTA, 2009, p. 22).

Como uma proposta de meio termo, Costa (2009) defende que a verdade pode ser entendida como um processo: “se o conhecimento é um processo, então a verdade também é um processo” (COSTA, 2009, p.23). Desse modo, para o autor a “verdade histórica faz parte do processo de uma realidade cuja objetividade também é relativa, porque tudo é processo” (COSTA, 2009, p. 23).

Não é difícil, diante desse cenário, compreender a proximidade entre as noções de verdade e objetividade - inclusive como é vista no campo do jornalismo.

Mas há outras possíveis visões sobre o discurso da verdade e do verdadeiro que poderiam nos ajudar na consecução de uma noção adequada do jornalismo em sua face investigativa e a relação com a verdade - em uma dimensão de coerência.

Há uma relação desses conceitos de verdade com a noção de objetividade do campo jornalístico. Essa discussão nos aponta ao que diz Foucault (2008) sobre as relações do discurso com a verdade e o verdadeiro. Segundo Foucault (2008), o discurso exclui através do que ele chama de vontade da verdade. A vontade da verdade opõe o verdadeiro do falso. O discurso define o verdadeiro em oposição ao falso, sendo, normalmente, o verdadeiro instituído no poder do discurso. O que foge ao poder e ao discurso é excluído, em prol da manutenção do poder.

Foucault (2008: 17) afirma, também, que a vontade da verdade, como sistema de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional (pedagogia, sistema de livros, de edição). Por isso, para compreender sua dimensão, é preciso considerar, com Foucault (2008b: 20), “a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade”. Assim, quem se põe em choque com a dimensão discursiva vai ser excluído e segregado como um herege, uma vez que fala ou formula enunciados inassimiláveis aos padrões do discurso enquanto vontade da verdade. O herege, que desafia o discurso oficial, deverá ter sua fala interdita e será excluído do seu grupo social.

Foucault (2008), na crítica que faz ao discurso científico, afirma que este discurso define os limites do conhecimento, interdita a linguagem no âmbito das ciências, distinguindo o verdadeiro e o falso. Mas nada disso acontece fundamentado em algo diferente de uma construção de discurso e das interdições de linguagem que manifestam o poder de quem fala em condições de definir a ciência, sociedades de discurso.

É exatamente o mesmo contexto que se realiza no campo do discurso jornalístico. É por isso que o alerta de Charaudeau (2006: 48) de que não se deve confundir valor de verdade e efeito de verdade, quando tentamos compreender os mecanismos da argumentação, é relevante. Segundo Charaudeau (2006: 49), o valor de verdade acontece por meio de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica, envolvendo a ideia de um argumento e uma informação exterior ao homem, objetivante e objetivada. Baseia-se em um cientificismo e pode, segundo o autor, ser definido “como um conjunto de técnicas de saber dizer, de saber comentar o mundo” (CHARAUDEAU, 2006: 49). Ou seja, o valor de verdade é uma construção argumentativa que no texto jornalístico ou informativo vai se caracterizar pelo uso de evidências e dados científicos – ou mesmo estatísticas ou outras formas de mensuração que traduzam, supostamente, a objetividade do argumento.

A reflexão acerca das afirmações tanto de Foucault (2008) quanto de Charaudeau (2006), que já havia sido encaminhada em Lemos (2013a) e Dantas (2012), contribuem para que possamos confirmar aquilo que dissemos antes acerca da invalidez das noções de objetividade, neutralidade e imparcialidade jornalísticas como elementos fundamentais de seu discurso. Os autores nos ajudam a entender como tais noções são construções argumentativas e discursivas.

Portanto, quando pensamos no contexto da ética jornalística implicada na investigação e no jornalismo sem fins lucrativos e afirmamos a necessidade de o jornalismo ser verdadeiro, é de outra dimensão de verdade que tratamos, que podemos chamar de coerência.

Ser verdadeiro, então, é assumido nesse texto como sinônimo de ser coerente. Desse modo, a ética da verdade jornalística deveria passar por uma atitude coerente com o que se crê como verdadeiro, com as ideologias e posturas políticas que se assume como jornalista e/ou veículo de mídia e com o relato dos acontecimentos que se testemunha e se reporta - sem descartar, nesse último caso, que os acontecimentos são vistos a partir de um ponto de vista, um lugar social e os relatos são construídos sob uma condição de produção definida. Tais condicionantes, inclusive, devem estar claros na produção textual da imprensa para que os leitores possam, minimamente, conhecer o lugar de fala do jornalista e do veículo e as condições de produção implicadas na notícia ou outros textos jornalísticos publicados.



Seus posicionamentos devem ser os mais claros possíveis. Talvez o exemplo que tenta se aproximar dessa questão seja o hábito dos grandes jornais americanos, cada vez mais imitados no Brasil, de anunciar apoios expressos a candidatos durante pleitos eleitorais.

A verdade, nessa perspectiva, assim como a ética, é assumida como uma noção que se relaciona às condições da vida social do sujeito - independente de se manifestar no campo do jornalismo. Dito de outra forma: falamos de verdade e ética que implicam a vida coerente do sujeito em sociedade em todos os seus relacionamentos não apenas no âmbito profissional ou jornalístico. Desse modo, não faria sentido afirmar uma espécie de ética jornalística que se distingue dos compromissos éticos da vida do jornalista como um todo.

É por isso que nos propomos a discutir a ética e suas consequências na prática jornalística, especialmente investigativa, a partir da noção de parresia. Ou seja, pensar a ética a partir do nosso compromisso com nossa coerência às verdades pessoais.

Discutir, pois, a ética sob o ponto de partida da verdade tem a ver com pensar o ato “pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se ‘manifesta’ (...): representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4).

Este é, provavelmente, o principal motivo pelo qual se torna tão importante que o jornalista e os veículos de mídia sejam reconhecidos, socialmente, como quem diz a verdade. A credibilidade, elemento fundamental na construção do discurso da mídia, tem se aprofundado como critério de noticiabilidade no âmbito da mídia digital da Internet. Tomsen (2000 apud SAAD, 2003), afirma cinco valores-notícia para o contexto de informações na Internet, dentre os quais o primeiro é a credibilidade relacionada à fonte do conteúdo.

É nesse sentido que Lemos (2013a) defende também, com base em Charaudeau (2006), que quem “informa é fundamental para que o leitor possa dar crédito à informação repassada”. Desse modo, parece plenamente justificável a necessidade e a busca do campo jornalístico de construir, em torno de si, uma aura de credibilidade, quiçá inabalável.

A questão a partir daí, no entanto, diz respeito a como essa credibilidade construída no discurso da mídia pode se relacionar - ou não se relaciona - à noção de parresia. A ideia da parresia traz embutida em si uma implicação necessária do falar a verdade e do ser credível - o que pode ser compreendido como indo além de um efeito de verdade discursivo construído para o texto e o discurso jornalístico.

## **A parresia**

A parresia foi compreendida na filosofia clássica como a fala franca, o dizer a verdade e o dizer tudo sobre a verdade. Diante disso, reconhecemos que o jornalista, ao menos no tipo ideal ou ideológico, deve ser identificado como uma pessoa de “fala franca”, que diz a verdade.

O ser reconhecido como alguém que fala a verdade para o profissional do campo jornalístico se relaciona, quando olhamos para a parresia, à coerência que apontamos acima. Ou seja, ser verdadeiro - ou parresiasta como diz Foucault (2011) -, tem a ver com uma ética da prática da verdade que começa com o dizer a verdade sobre si mesmo. O jornalista e os veículos, para serem coerentes e verdadeiros no sentido da parresia, deveriam deixar claro a seus leitores quem são, quais os seus interesses, suas ideologias e seus lugares de

fala. E, a partir daí, ser coerente e honesto com o que descobre, sabe, apura e crê dos acontecimentos que cobre e transforma em notícia no discurso do jornalismo.

Tal compromisso com a verdade gera diversos conflitos, inclusive com riscos constantes a jornalistas e veículos de imprensa. Os conflitos parecem ser ainda mais delicados e densos quando o jornalismo se insere em contextos de investigação no que costuma chamar de jornalismo investigativo e suas formas contemporâneas de jornalismo militante ou sem fins lucrativos.

Os riscos são inerentes, principalmente, a dimensões da parresia que são descritas por Foucault (2011). Para Foucault (2011, p. 9), a parresia “é, primeiro, fundamentalmente, uma noção política”. Diz, portanto, respeito às relações de poder, ao jogo democrático e à própria problematização da democracia, a partir do que é possível compreender como imprescindível a relação entre o dizer a verdade, o jornalismo e a manutenção da democracia.

Essa ética da verdade constituída na noção de parresia tem, para Foucault (2011, p. 10), mais a ver com a veridicção que com o conhecimento; tem mais a ver com as regras de governamentalidade que com as práticas de dominação; com as práticas de si que com sujeito. Em outras palavras, relaciona-se a estudar “as relações entre verdade, poder e sujeito, sem nunca reduzi-las umas às outras” (FOUCAULT, 2011, p. 10).

No entanto, a parresia também tinha um sentido pejorativo, não apenas em textos clássicos da filosofia grega como também na literatura cristã. Nesse valor negativo, a parresia era entendida no sentido de dizer qualquer coisa que passe pela cabeça, qualquer coisa que seja útil à causa, ao ânimo ou às paixões de quem fala.

Note-se, logo, que tal sentido perpassa diversas acusações éticas comuns direcionadas à imprensa - ou seja, jornalistas e veículos de imprensa são acusados por personagens denunciados em suas reportagens investigativas como levianos ou atendendo a interesses, causas ou paixões particulares e/ou políticas.

No Brasil, por exemplo, o deputado federal do Partido dos Trabalhadores em Pernambuco, Fernando Ferro, denominou parte da imprensa que realizou sérias denúncias contra o governo e o seu partido de “Partido da Imprensa Golpista (PIG)”. Parte dos militantes do PT e defensores de seu governo adotaram a nomenclatura para atacar a parcela da mídia hegemônica que se dedica a investigar as ações e costuma denunciar os governos de Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011 -).

Segundo Foucault (2011, p. 11), no entanto, em valor positivo, “a parresia consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la”. Ou seja, o tipo ideal que estimamos ver na prática jornalística.

Tal reflexão nos conduz a discutirmos, por outro lado, os limites da ética da verdade no campo jornalístico. Em outras palavras, parece adequado questionar se é papel do jornalista não ocultar nada e dizer tudo da verdade.

Pensar a ética nessa dimensão é compreender que a ética não é algo que se decide a priori, mas que se manifesta na prática diária dos sujeitos na sociedade. Assim, pode-se afirmar que é ético um jornalista que diz toda a verdade sobre o que investigou acerca de uma história - mas essa perspectiva há de ser ponderada se publicar tudo pode colocar em risco a vida de alguém, se a informação não tem interesse público ou valor-notícia considerável, por exemplo.



## Compromisso com a verdade

O comprometimento do jornalista parresista com a ética da verdade é fundamental. Segundo Foucault (2011, p. 11), uma das características da parresia é a necessidade de que a verdade dita não apenas “constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa, [e não] da boca para fora”.

Desse modo, dizer a verdade implica em assumir riscos. Diz Foucault (2011, p. 12) que, para que haja parresia, “é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência”. Nesse sentido, Foucault (2011, p. 12) cita Demóstenes: “eu sei que, usando dessa franqueza, ignoro o que resultará para mim dessas coisas que acabo de dizer”.

Essa ética da verdade, chamada por Foucault (2011) de coragem da verdade, também

pode adquirir, em certo número de casos, uma forma máxima quando, para dizer a verdade, não apenas será necessário aceitar questionar a relação pessoal, amistosa, que se pode ter com aquele [com que] se fala, mas pode acontecer até que seja necessário arriscar a própria vida. (...) se em todo caso seu interlocutor tem um poder sobre aquele que fala e se não pode suportar a verdade que este lhe diz (FOUCAULT, 2011, p. 12 - 13).

Não à toa, o jornalismo é das profissões que mais oferecem risco à vida dos profissionais no mundo. Ainda mais em sua vertente investigativa. Entre 1993 e 2002, conforme Pena (2012, p. 35), 366 jornalistas foram assassinados durante o exercício da profissão, sendo 60 mortos em guerras e 277 em represália contra suas reportagens. Dos 277, apenas 21 tiveram seus assassinos presos - 94% de impunidade.

Cerca de dez anos depois, em 2013, diz o jornalista Jamil Chade, em seu blog no site do jornal O Estado de São Paulo<sup>5</sup>, que o Brasil é o quarto país mais perigoso para se trabalhar como jornalista no mundo. Em um ano, onze profissionais da imprensa foram assassinados no País. A situação brasileira é pior que a do Afeganistão, Iraque ou Gaza. Somando os assassinatos nesses três países, o número de vítimas chega a oito. Apenas Síria, Somália e Paquistão vivem cenários mais dramáticos para os jornalistas que o Brasil.

No total, foram 139 mortes, em 29 países. O número mundial é 30% superior ao de 2011 e representa cerca de duas vítimas a cada semana.

As mortes e atentados contra jornalistas por investigarem e denunciarem crimes são consequências das posturas mais ou menos parresísticas que os profissionais e seus veículos podem assumir. Ou confirmam o que diz Foucault (2011, p. 14): “aquele a quem se ele se endereça sempre pode não acolher o que lhe dizem e pode, finalmente, punir ou se vingar daquele que lhe disse a verdade”.

Dentre as modalidades do dizer-a-verdade, apontadas por Foucault (2011), a parresia é a única que oferece real risco ao sujeito que dela faz uso. O profeta é reconhecido como

---

<sup>5</sup> CHADE, Jamil. **Mais jornalistas morreram no Brasil em 2012 que no Iraque, Gaza e Afeganistão**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2012/12/17/mais-jornalistas-morreram-no-brasil-em-2012-que-no-iraque-gaza-e-afeganistaol/>, acessado em 03 jul 2013.

alguém que diz a verdade mas não a fala em seu nome - fala uma verdade que vem de outro lugar, desvela o que o tempo esconde dos homens. O sábio fala em seu próprio nome, mas tem a opção de não falar, o que não tem o profeta e o parresiasista. Segundo Foucault (2011, p. 17), o sábio é sábio para se mesmo e a “sabedoria que ele formula é sua própria sabedoria”. Já o técnico é como o professor - ensina conhecimentos que não são seus ou de um deus. Para o técnico, diz Foucault (2011, p. 23) os “conhecimentos que tomam corpo numa prática e que implicam, para seu aprendizado, não apenas um conhecimento teórico mas todo um exercício”.

O parresiasista, ao contrário do profeta, fala em seu próprio nome e levanta o véu sobre o que existe mas os homens são cegos para verem - cegueira sobre si, devido a erro, distração, problema moral, desatenção, complacência, covardia. Ele não deixa nada para interpretar. Além do que, diz Foucault (2011, p. 18), “seu dever, sua obrigação, seu encargo, sua tarefa é falar, e ele não tem o direito de se furtar a essa tarefa. (...) Mesmo ameaçado de morte, ele levará sua tarefa até o fim, até seu último suspiro”.

É um insuportável interpelador. E é assim que se comporta o jornalista investigativo que se assuma numa ética da verdade com coragem e compromisso com ela - um jornalista parresiasista. Ele assume um risco e pode provocar a ira do alvo de seu dizer-a-verdade. E, segundo Foucault (2011, p. 24), “nesse risco, pode expor sua própria vida, pois ele pode pagar com a existência a verdade que disse. (...) o ensino assegura ao contrário a sobrevivência do saber, enquanto a parresia faz aquele que a pratica arriscar a vida”.

Não é por acaso que morrem tantos jornalistas que se dispõem a assumir tal compromisso com a verdade. Segundo Foucault (2011, p. 34), “os que dizem ou tentam dizer é verdadeiro e bom, mas não o agradam, estes não serão ouvidos. Pior, eles suscitarão reações negativas, irritarão, encolerizarão. E o discurso verdadeiro deles os exporá à vingança ou à punição”.

### **E o jornalista investigativo?**

A imagem do repórter é mítica na conformação profissional do jornalismo - mas não apenas ali, como também no ambiente social. Ao pensar no jornalista em seu ofício como repórter não raramente nos lembraremos da figura de heróis, como Clark Kent, repórter do Daily Planet, inesquecível identidade secreta do maior de todos os super- heróis, o Superman; ou Peter Parker, alter-ego do Homem-Aranha, um repórter fotográfico perseguido pelo chefe J.J. Jameson.

Frequentemente a imagem e a aura heróica pairam sobre os jornalistas. E histórias como as que envolvem denúncias e escândalos - talvez o mais famoso dos quais seja o Watergate - servem somente a reforçar tais representações sociais.

O repórter é visto como arquétipo do jornalista heróico. No entanto, mesmo sendo a imagem idealizada do jornalismo, a função de repórter é novidade na história da imprensa. Segundo Lage (2011, p. 9), “a reportagem como atividade não existiu ou era irrelevante em 200 dos quase 400 anos da história da imprensa”.

O papel do jornalista como repórter emerge de um processo histórico. Além disso, esse processo no qual se compõem as práticas investigativas do jornalismo - ao ponto de se constituir uma sua disciplina particular, o jornalismo investigativo - evolui para um momento histórico em que a presença da cibercultura e o surgimento de formas de

sociabilidade intensas como as relações intersubjetivas virtuais promovidas nas redes sociais de Internet interferem de maneira única nos processos comunicacionais da sociedade.

Ao discutirmos a parresia é, afinal, esta reflexão, que pretendíamos apresentar neste artigo: como o repórter mítico se traveste, hoje, como ousado agente de comunicação e os sérios riscos que assume na tarefa.

A função do repórter é recente na história do jornalismo, tendo surgido no século XIX - enquanto o jornalismo investigativo se consolidaria no início do século XX. Esse profissional com o tempo passava a ser mais vezes acionado para a cobertura de crimes, agitações de rua, guerras e debates nos parlamentos. Esse novo papel do repórter expunha as contradições entre os relatos jornalísticos e os valores que elites e anunciantes sustentavam. Segundo Lage (2011, p. 16), já “não se podia, como antes, tratar os protestos populares como caso de polícia, desviar fundos públicos ou massacrar povos coloniais, mantendo tudo em segredo”. Algumas vezes, a história oficial já era desmentida antes mesmo de ser escrita.

É esse contexto que transforma o repórter em testemunha o que, ainda segundo Lage (2011, p. 21), se firmou estabelecido na forma de “jornalismo-testemunho” no século XX, momento em que as pessoas passaram a se entender como necessitadas de informações - ou seja, no modelo do jornalismo estabelecido no século passado, “as pessoas necessitam de informações que estão nos veículos de comunicação ou podem ser inferidas a partir do que eles noticiam” (LAGE, 2011, p. 21).

Outras características do repórter são também apontadas como surgindo a partir desse novo modelo de jornalismo que se estabeleceu a partir do século XX: o repórter passou a ser visto como um tradutor de discursos para o público não especializado, seja aquele de especialistas, cientistas ou políticos. O repórter também é visto como agente, estando nos lugares e ocasiões em que o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Desse modo, segundo Lage (2011, p. 23), tem “uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.

No entanto, a imagem pintada de heroísmo que a imagem do repórter passou a inspirar tende a excluir as suas próprias limitações, seja como sujeito que tem uma história de vida, com suas próprias crenças, ideologia e utilizando olhos específicos para a leitura da realidade, seja desprezando o fato de que se submete no ambiente comercial do jornalismo a trabalhar em veículos com suas próprias linhas editoriais, sua cultura e ideologia organizacional, seus interesses, que condicionam e limitam a sua manifestação no discurso jornalístico.

Nesse sentido, a possibilidade de uma reflexão ética por parte dos profissionais - em particular dos jornalistas identificados como investigativos - a partir da parresia e de sua ética e coragem da verdade, parece adequada e fundamental. Afinal, a parresia propõe uma postura em que, ao mesmo tempo em que se alimenta o compromisso com a verdade, assume-se coerentemente os lugares de fala, os condicionamentos ideológicos, as limitações e interesses políticos por parte dos jornalistas e dos jornais. A coragem de ser verdadeiro e ético é a coragem de ser honesto e coerente - consigo mesmo e com seus leitores.

A partir daí surgem modelos alternativos de prática jornalística, mais notadamente do jornalismo investigativo, uma vez que se vê a necessidade de que se preservem as

investigações jornalísticas que não se condicionem a quaisquer limitadores ideológicos ou políticos como o modelo convencional estabelece. Fortalece-se, desse modo, a importância de se reforçar as formas coerentes de produção jornalística, as formas alternativas de financiamento do que se tem chamado de jornalismo sem fins lucrativos.

### **Considerações finais**

Os riscos de se assumir uma ética da verdade, impregnada pela coerência e fazer do jornalista um parresiasista são, ao que nos parece, bastante evidentes.

Por isso mesmo, além do suporte financeiro com apoio colaborativo para a construção de grandes reportagens investigativas no contexto do jornalismo sem fins lucrativos, faz-se necessário no contexto contemporâneo a descoberta de mecanismos que suportem institucionalmente as práticas jornalísticas mais desafiadoras.

O risco de expor a verdade no contexto social contemporâneo continua elevado, como o demonstram os números que aqui foram citados e que colocam o Brasil como quarto colocado no ranking mundial de assassinatos de jornalistas.

Ainda assim, à guisa de conclusão, apontamos a necessidade premente dos jornalistas investigativos, especialmente os que avançam nos caminhos da militância colaborativa sem fins lucrativos, repensar sua prática e sua ética a partir da reflexão sobre as noções de verdade e de parresia, como foi nossa proposta neste artigo.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2a ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

CHADE, Jamil. **Mais jornalistas morreram no Brasil em 2012 que no Iraque, Gaza e Afeganistão**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2012/12/17/mais-jornalistas-morreram-no-brasil-em-2012-que-no-iraque-gaza-e-afeganistao/>, acessado em 03 jul 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução por Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

DANTAS, Daniel. **As relações intersubjetivas virtuais nos blogs e as práticas de letramento digital**. Dissertação de mestrado. Natal, RN: UFRN, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LAGE, N. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEMOS, Daniel Dantas. **Discurso e argumentação no Blog “Fatos e Dados” da Petrobras.** Feira de Santana: Curviana, 2013a.

LEMOS, Daniel Dantas. **Investigação Jornalística:** Do Papel do Repórter ao Jornalismo Sem Fins Lucrativos *In:* XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2013, Mossoró. Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12 a 14 de junho de 2013, E [recurso eletrônico]: Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, 2013b.

LIMA, S. “Posfácio: insuficiências teóricas e desafios” *in* CHRISTOFOLETTI, R. & KARAM, F. J. **Jornalismo investigativo e pesquisa científica:** fronteiras. Florianópolis: Insular, 2011.

NASCIMENTO, P. C. do. **Técnicas de redação em jornalismo:** o texto da notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

NASCIMENTO, S. **Os novos escribas:** O fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

PENA, F. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2012. PRADO, M. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

SAAD, Beth. **Estratégias para mídia digital:** Internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SEQUEIRA, C. M. de. **Jornalismo investigativo:** O fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

TOGNOLLI, C. J. “Rosental e o novo modelo midiático” *in* CHRISTOFOLETTI, R. & KARAM, F. J. **Jornalismo investigativo e pesquisa científica:** fronteiras. Florianópolis: Insular, 2011.